



MEMÓRIA, TRAUMA E LUTO: A NARRATIVA DAS MULHERES COMO FORMA DE SUPERAR A DOR DA VIOLÊNCIA SOFRIDA

Fadja Mariana Fróes Rodrigues

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: fadjafroes.ffv.adv@gmail.com

Tânia Rocha de Andrade Cunha

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: tania.rochandrade@gmail.com

1830

INTRODUÇÃO

A violência contra as mulheres há muito está presente na sociedade. Ela é uma das formas mais cruéis de manifestação da presença do patriarcado e da superioridade masculina. Em decorrência disso, todos os dias, muitas mulheres são vítimas dos mais diversos tipos de violência: sexual, física, psicológica, entre outras, que promovem inúmeros traumas, não só de ordem física (entendido como lesões ou feridas causadas sobre o corpo físico da mulher), mas também traumas de cunho psíquico que, consoante as formulações de Freud (1856 – 1939), ocasionam o rompimento da conexão que deveria promover a reprodução, o surgimento da memória, destruindo o sentido, a significação, a simbolização, impossibilitando a narração.

De acordo com Cunha (2007), as mulheres, historicamente, sempre foram o principal alvo da violência perpetrada pelos homens e isso ocorre porque a sociedade legitima o poder masculino, bem como porque o homem possui a necessidade de afirmar-se como o sexo forte, poderoso.

Nesta breve exposição sobre a temática da violência, discutiremos, principalmente à luz dos postulados do filósofo francês Paul Ricoeur (1900 – 2005), como o trabalho de luto pode contribuir para a superação dos traumas originados da violência, valendo-se, inclusive dos testemunhos, e permitir que mulheres possam, a partir de suas narrativas, ressignificar suas dores, apropriarem-se de suas memórias, reconciliarem-se com estas e consigo mesmas, na busca de uma memória apaziguada, reconciliada.

O presente artigo trata-se de uma reflexão a partir dos nossos estudos realizados nos Cursos de Mestrado e de Doutorado (em curso) sobre a violência doméstica sofrida pelas mulheres na conjugalidade. Ele tem como foco central compreender como e por



que as narrativas das mulheres vítimas de violência, é um importante meio para superar os traumas e as dores decorrentes das violências perpetradas contra elas.

METODOLOGIA

Visando abordar a temática à qual nos propomos, utilizamos uma abordagem qualitativa com uma proposta metodológica de pesquisa de natureza básica e exploratória quanto aos objetivos. O trabalho foi executado a partir de um levantamento bibliográfico sobre a temática, envolvendo construções teóricas acerca das categorias trabalhadas e posteriormente analisado de forma exploratória e crítica.

A partir da análise bibliográfica, promovemos considerações acerca dos objetivos pretendidos nesta pesquisa, possibilitando a reflexão sobre o tema abordado e ampliando as discussões a respeito da importância das narrativas das mulheres vítimas de violência como forma de superação das dores e marcas deixadas pelas agressões que sofreram.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mulheres vítimas de violência costumam desenvolver traumas que afetam o desenrolar de suas vidas, haja vista as situações traumatizantes às quais são submetidas. Num primeiro momento, o que se deseja é esquecer, silenciar, afastar-se de tudo e de todos que possam trazer qualquer espécie de lembrança das violências e das dores deixadas no corpo e na alma que, a princípio, parecem impossíveis de superação. O trauma experimentado em virtude da violência provoca em muitas mulheres uma incapacidade para assimilar a experiência vivida, pois promove uma dissociação da realidade e as impossibilita de atribuir significado às ocorrências passadas. Diante do trauma, o passado não pode ser esquecido e nem lembrado.

No entanto, passado o primeiro momento de paralisia e de silenciamento, necessário se faz experienciar a violência traumática e conduzi-la à consciência por meio do luto, ou nos dizeres de Ricoeur (2007), do “trabalho de luto”. É por meio desse “trabalho de luto” que essas mulheres passam a ter consciência da perda e renuncia-se a ela.

Apesar de envolver sofrimento, o luto possibilita a superação do trauma e o recomeço da vida. Nos dizeres do filósofo (2007, p. 86) “é enquanto trabalho da lembrança que o trabalho de luto se revela custosamente, mas também reciprocamente,



libertador”. Assim, após vivenciar a violência e passar pelo trabalho de luto, essas mulheres tornam-se novamente desinibidas e livres.

Desse modo, o luto apresenta-se como condição de recuperação e perlaboração. Para Rosa (2008, p. 297), a perlaboração:

(...) diz respeito a um conceito psicanalítico que se refere a uma atividade que permite que o analisando enlutado integre uma interpretação e supere as resistências por ela despertadas (ROUDINESCO, 1998, p. 174). O conceito de perlaboração (Durcharbeitung) foi forjado, em seus primórdios, a partir da prática clínica e visava, portanto, o modo como o sujeito interagia com seu próprio passado, como ele se relacionava com sua própria enfermidade, (...). Neste contexto, o perlaborar (durcharbeiten) mantém os impulsos inconscientes no terreno de um trabalho (Arbeiten) de passagem, de travessia (durch), de um esforço representativo no qual o analisando reconhece sua ipseidade à possibilidade de distinguir o passado do presente; à possibilidade, no reemprego dos termos de Paul Ricoeur (2007, p. 27), de “reabrir o caminho da memória”.

No processo de perlaboração, as mulheres “reabrem o caminho da memória”, conforme afirma Ricoeur (2007), e uma experiência de (re)significações as possibilitam lutar contra o que marca a memória traumática, a memória ferida. Assim, a perlaboração, como trabalho de luto, mostra o caminho para opor-se às resistências do recalque. Contudo, nesse processo de perlaboração, que permite reconhecer o dano, confrontar e compreender o trauma de uma violência passada é fundamental testemunhar e narrar o sofrimento.

Expor publicamente o trauma vivido no passado, (re)construído pelo testemunho a partir da percepção, necessidades e experiências do presente, permite atribuir novo significado a esse passado marcado pela violência, principalmente quando a experiência é compartilhada em grupo, repercutindo na memória coletiva e recriando nas demais mulheres, outro sentimento em relação ao passado.

Ao narrarem e testemunharem as violências sofridas, permitindo que outras mulheres compartilhem e participem das suas dores passadas, a percepção desses traumas amplia a compreensão social a respeito do fato, bem como forma uma cadeia de solidariedade que fornece e fomenta caminhos para a responsabilidade social e a ação política. Vivenciar o trauma, narrá-lo, constitui-se tanto um processo social representativo, quanto um trabalho de memória que expõe a angústia vivenciada para o



grupo (mulheres vítimas de violência) bem como expõe a vítima e o agressor como responsável pela violência praticada.

A narrativa, como mediadora da memória, conforme afirma Ricoeur (2007, p. 455) “comporta necessariamente uma dimensão seletiva”, uma vez que, “assim como é impossível lembrar-se de tudo, é impossível narrar tudo”. Ela constitui-se como um ponto fundamental para a perlaboração das violências vividas, uma vez que servirá como mediadora para o processo de ressignificação dos traumas, possibilitando a superação das perdas e a reconciliação com as memórias decorrentes da violência.

Essas narrativas permitem às mulheres vítimas de violência lembrarem o passado para dizê-lo e assumirem suas dores como parte do processo de superação da própria dor. Vivenciar o luto, testemunhar e narrar as violências sofridas é parte importante do processo de superação do trauma, mas não é um fim em si mesmo, uma vez que a superação das violências sofridas por essas mulheres perpassa por outros elementos, a saber: a reparação material das vítimas, a responsabilização dos culpados e a punição efetiva a que serão submetidos.

Nesse sentido, Pinheiro, Chaves e Ferraz afirmam (2009, pág. 8):

O testemunho do trauma não pode ser um fim nele mesmo. Afinal, além do reconhecimento das violações aos direitos humanos, três outros elementos integram uma superação possível do passado: a reparação material às vítimas, a responsabilidade, ou seja, a identificação dos culpados e a decisão pública sobre o tratamento a que os mesmos fazem jus (DAVIDOVITCH, 2008, p. 50). Não há perdão se não houver a possibilidade da efetiva punição. Todavia, sem perder a dimensão da justiça, o ato de se empossar na narrativa pessoal, de enfrentar o trauma daquilo que é incomunicável, ainda que dizível, é instrumento essencial para reconstruir o passado, ressignificando-o a partir das demandas postas pelo presente, demandas que, por consequência, se prezam à reorientação de um novo futuro.

CONCLUSÃO

Os testemunhos dessas mulheres relatam o que é preciso lembrar para não esquecer de si. É por meio dessa relação dialógica com as memórias da violência passada e da ressignificação solidária ocorrida com as vítimas de violência que as feridas são articuladas, compartilhadas, ressignificadas e compreendidas. Assim, é necessário que nesse processo de narrativas e testemunhos, as mulheres percebam que não são culpadas pela violência sofrida, reafirmem suas identidades e se percebam como sujeitos capazes de se emanciparem e de reconstruírem suas histórias.

1833



Não é possível anular o passado, mas é possível, por meio desse trabalho de memória e do trabalho de luto, como afirma Ricoeur (2007, p. 423), alcançar o “horizonte de memória apaziguada, e até mesmo de um esquecimento feliz”, que é o horizonte ideal para toda memória ferida: alcançar o perdão. Ao invés de se buscar a vingança, de promover o aumento do ódio e de nutrir afetos negativos, o trabalho de luto, exercido através do trabalho de memória, permite elaborar para superar definitivamente as feridas do passado.

Olhar para o passado, quase que imutável, elaborá-lo e conseguir narrá-lo, possibilita enxergar um futuro e seguir em frente. Assim, as narrativas dessas mulheres vítimas de violência, tornam-se necessárias, uma vez que possibilitam a reconciliação consigo mesmas a partir da elaboração e da ressignificação dos traumas vividos, bem como a abertura de perspectivas futuras que, após um longo e doloroso trabalho sobre as feridas do passado, transformam as memórias feridas em memórias apaziguadas.

1834

PALAVRAS-CHAVES: Violência. Mulher. Memória. Narrativas. Trauma. Luto.

REFERÊNCIAS

CUNHA, T. R. de A. **O Preço do Silêncio: mulheres ricas também sofrem violência**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007.

PINHEIRO, D. A. R.; CHAVES, I. P.; FERRAZ, J. D. Narrativa e superação do trauma: a memória de mulheres vítimas de violência doméstica. **V Encontro Anual da ANDHEP - Direitos Humanos, Democracia e Diversidade**. 2009. Disponível em: <http://www.andhep.org.br/anais/arquivos/Vencontro/gt7/gt07p04.pdf> . Acesso em 01/02/2022.

RICOEUR, P. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

ROSA, J. R. Trauma, história e luto: a perelaboração da violência. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 25, p. 289 - 327, jul./set. 2018. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180310252018289> . Acesso em: 01/02/2022.